BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1905 N.º 145

Raphael Bordallo Pinheiro

† em Lisboa a 23-1-1905

Raphael Bordallo e a sua obra

Um dos directores d'esta revista, o sr. Jayme Victor, em nome da Associação dos Jornalistas proferiu á beira da sepultura de Bordallo este discurso, sobre a obra do grande artista:

"Deante d'este cadaver, o silêncio das lagrimas, que é a eloquencia do coração, calaria mais fundo no coração de nós todos que a eloquencia dos maiores oradores.

E' que toda ella seria impotente para abranger e aquilatar a obra immensa que elle nos legou, sentir-se-ia apoucada e inutil ao tentar, em palavras rapidas, frisar e resumir as multiplas, as complexas manifestações do genio artistico de Raphael Bordallo Pinheiro. Nem para essa alta critica é apropriado este logar da morte, onde a materia vem pagar o tributo da sua decomposição fatal, e onde nós todos em romagem funebre vimos dizer o ultimo adeus, com a alma apprehensiva e o coração despedaçado, áquelles a quem na vida mais quizemos ou mais admirámos. E para este, excepcionalmente para este, conjugavam-se em todos os corações portuguezes a admiração e o affecto.

E porque não havemos de dizel-o neste logar? A consagração destes dois sentimentos fundidos só teem direito os grandes artistas, grandes como elle o foi. Porque só a Arte, na transmissão do sentimento, na grandeza da concepção, e nas maravilhas da forma, nos dulcifica as asperezas do temperamento, nos amacia as arestas do caracter, nos torna melhores, bons, doceis, porque nos communica a parte affectiva da intelligencia, o fogo central do coração, o que tem de mais alto, de mais bello e de mais luminoso a alma humana, porque a Arte é o encanto da vida. E n'este formosissimo espirito que se apagou, vergado ao peso de um trabalho exhaustivo, todos os predicados se reuniam, accumulavam-se todos os thesouros da graça portugueza, que se diffundiram por 40 annos de ditos scintilantes e de desenhos immortaes, por obras primas de arte decorativa, de pintura, de esculptura, de ceramica, por manifestações infinitas de toda a arte, ora arrancando gargalhadas, pela exhuberancia do sarcasmo, ora obrigando a reflectir pela agudeza do conceito, e sempre, sempre, enchendo de orgulho os corações portuguezes, porque essa obra immensa, sellada pelo genio do artista, tinha um cunho portuguez, sempre portuguez, invariavelmente portuguez.

Esta feição predominante da sua individualidade, que hontem se impunha á nossa admiração, impõe-se hoje ao nosso reconhecimento, que vae além da morte.

E é em nome de tantas glorias que elle conquistou, d'este justissimo orgulho nacional de ter sido nosso, que tão pequenos somos, este artista que tão grande foi, orgulho tão sentido e tão absorvente que chega a attenuar a dolorida saudade de o termos perdido, a magua intraduzivel de termos aqui deante de tantos olhos marejados de lagrimas, fechados pela morte aquelles olhos onde scintillava o sol do genio, aquelles labios d'onde saía em torrentes a graça portugueza, aquella cabeça formosa e privilegiada, em nome das alegrias que elle deu á nossa mocidade, do saudavel e benefico sorriso que a tantas gerações arrancou, do prestigio que a arte lhe deve e da gloria com que engrandeceu a patria, e que já pertence á Historia, que vem pela minha voz humilde dizer aqui o ultimo adeus a Raphael Bordalo Pinheiro a Associação dos Jornalistas de Lisboa, que elle ajudou a fundar, que realçou com o seu nome e com os seus serviços, que não ficaram decerto saldados n'essa grandiosa homenagem que lhe promovemos ha dois annos, e que por assim dizer foi o rebate da sua immortalidade.

Paraphraseando o nosso Camões, um seu irmão em genio, só n'estes dois versos, deante d'este cadaver, sei resumir o pensar de todos nós

O artista não vae todo á sepultura
Na memoria dos homens vive e dura.,

Cliché Benoliel

O funeral de Raphael Bordallo Pinheiro

A sua fabrica nas Caldas da Rainha

Auto-caricatura no menu do banquete a Columbano em 18-1-1904

Reducção da cabeça do «Antonio Maria»

Reducção da cabeça dos «Pontos nos ii»

Reducção da cabeça do «Antonio Maria» II serie

Reducção da cabeça da «Parodia»

O Zé Povinho

Reducção da cabeça da «Lanterna» 1875

Auto caricatura de 1870

Auto-caricatura de 1879 e 1903, depois do banquete de «D. Maria»

CHRONICA

A vida politica da capital exgota-se n'uma questão que está assumindo um aspecto de furia, incomprehensivel a quem não entra no fogo dos interesses que se debatem, entre tabacos e phosphoros. A nicotina dos charutos inundou as columnas de alguns jornaes, e como os phosphoros não accendem bem, debalde se pede um bocadinho de luz, onde não ha senão mysterios e trevas. Na nossa qualidade de fumistas, sob o ponto de vista pratico, a questão não nos interessa. Venha quem vier, fique quem ficar, o tabaco ha de continuar a ter palha e os phosphoros a não terem enxofre!

Plus ça change, plus c'est la même chose...

As eleições estão á porta, e d'esta vez difficil é conhecer o resultado, tantos são os que se apresentam ao suffragio, sobretudo pelas minorias. O partido republicano, por platonismo, apparece em Lisboa, na capital do norte, ainda no districto de Beja, e até, por mero formalismo theorico, em todo o paiz. Uns poucos de nomes pedem os suffragios de todo o paiz, mas como a lei actual não dá deputados por accumulação, percebe se bem que o intuito unico do partido radical é simplesmente fazer o recenseamento geral das suas forças. Sob esse ponto de vista, o resultado do dia 12 deve ser, pelo menos, interessante. Os grupos pequenos disputam tambem as minorias. Além dos franquistas que se valem da posição especial de alguns dos seus logares tenentes, para procurarem furar a votação da capital, muito principalmente, no bairro oriental que reune as freguezias da baixa onde predomina mais o commercio, apparecem ainda os nacionalistas a querer tambem votos, não contanto, é claro, com a lucta que d'esta vez parece a valer entre o partido que está no poder e o partido regenerador que está na opposição. Este poderia, diz-se, disputar a maioria em alguns dos circulos e com resultado certo, mas, fiel aos principios expostos pelo seu chefe ao parlamento, quando se fez esta lei eleitoral, limita-se a disputar as minorias. Corresponderá o Governo com egual correcção, conservando se alheio a essa lucta, ou inclinar-se-ha para alguns dos grupos em deterimento dos candidatos regeneradores? E' o que ainda se não sabe.

Duas noticias se salientam d'esta quinzena: uma, triste, profundamente triste para a arte e para todos nós — a morte de Bordallo Pinheiro, a quem presta o *Brasil Portugal* hoje a homenagem da sua saudade; e outra, alegre para a litteratura moderna, o apparecimento de mais um livro de Carlos Malheiro Dias.

A' beira da sepultura de Pinheiro Chagas disse Carlos Lobo d'Avila que a sua morte arrancava um pedaço da alma de cada um de nós. Paraphraseando a phrase, póde dizer-se que a morte de Bordallo arrancou um pedaço da arte nacional porque, na actualidade, nenhum outro artista se lhe compararou ainda em exhuberancia de inspiração. Esse artista era tão grande que elle sósinho, com o extraordinario valor do seu lapis de caricaturista, e o extraordinario valor do seu cinzel de estatuario, concentrava em si tudo o que a arte nacional tinha de mais typico de mais profundamente portuguez, de mais popular, o humorismo dos seus jornaes, e a graça da sua industria.

O livro de Malheiro Dias, que se intitula *Cartas de Lisboa*, é o *compte rendu* litterario da vida de Lisboa, em todas as suas phases, na sua sociedade, na politica, nos seus theatros e nas suas ruas, na architectura dos seus edificios e nos vicios dos seus moradores, n'uma palavra, no que ella tem de mau e tem de bom, á luz critica de um grande artista da palavra escripta, que lhe sahe da penna com resaibos de elegancia exquisita e de aprimorado bom gosto, n'uma letra pequena e redonda, meuda, mas nitida, como as suas observações e a sua fórma de dizer.

Villa Verde

Presidente do conselho de ministros em Hespanha

Regimento de infantaria 5

Foi organisado este regimento em 1807. E' brilhante a sua historia e digna de registro. Entre as varias campanhas em que entrou deve-se citar a de Albuera em 16 de maio de 1811, e o sitio de Badajoz no mesmo anno. Em 1812 tomou parte no terceiro cerco que as tropas alliadas puzeram áquella praça de guerra.

Cliché tenente Oliveira

Commandante José de Mello Pereira de Vasconcellos

Em 1888 passou a denominar-se *Regimento 5 de Infantaria do Imperador da Austria Francisco José*: na ordem do exercito de 20 de outubro o imperador era nomeado seu coronel honorario.

Em 1898, agosto, partiram para Africa Oriental duas companhias d'este regimento, fazendo parte da expedição.

Commandava as o então major Souza Machado. A primeira companhia ficou em Lourenço Marques commandada pelo mallogrado capitão Candido Bracklamy e a segunda seguiu para Moçambique com destino ao Monssuril. Em maio de 99 marchou esta ultima contra os regulos Mataca e Kuamba, que subjugou depois de tres mezes de trabalhos e de luctas. Mezes depois, em janeiro de 1900 a expedição desembarcava em Lisboa, n'um dia que foi considerado de gala e regosijo publico.

Publicamos hoje um grupo de todos os actuaes officiaes do regimento, o retrato do seu commandante, e varias gravuras curiosas do quartel, antigo convento de franciscanos. Entre ellas destaca-se a do portal, em que estão inscriptas datas gloriosas dos combates em que o regimento entrou.

Guerra Peninsular:

1.° Sitio de Badajoz, 5 de maio de 1811. — Albuera, 1811. — 2.° Sitio de Badajoz, 14 de maio de 1811. — 3.° Sitio de Badajoz, 17 de maio de 1812.

Campanhas de Africa:

Loangua, 17 de dezembro de 1898. — Cuamba, 18 de agosto de 1899. — Metanculo, 23 de agosto de 1899. — Lagedos, 24 de agosto de 1899. — Namatanda, 18 de outubro de 1899. — Lugenda, 12 de outubro de 1899. — Mataka, 17 de outubro de 1899.

Nomes de alguns dos commandantes de infantaria 5:

1811 — Na batalha de Albuera, tenente coronel, Francisco Xavier de Silva Pereira.

1870 — Coronel João José Barreto de França.

1872 a 75 — Coronel Henrique José Alves. Coronel Antonio Barbosa de Sá Gutterres. Coronel Gregorio Collaço. Coronel Estanislau Xavier de Assumpção e Almeida. Coronel José Ignacio de Oliveira.

1882 a 1893 — Coronel Joaquim de Cunha Pinto

1894 — Coronel Wenceslau José de Sousa Telles.

Cliché Benoliel **Infantaria 5 — Entrada do quartel**

1897 — Coronel Cesar Augusto Kuchembuck dos Prazeres.

1902 — Coronel José Ignacio de Mello Pereira e Vasconcellos, que actualmente commanda o regimento.

Infantaria 5 — Exercicio de esgrima de baioneta

Antonio Caetano Pereira

Ainda quando depois da tempestade venha a bonança não se acalmam desde logo as ondas irritadas, nem a superficie do mar revolto se torna, de um momento para o outro, lisa e serena.

A grande revolução popular de 1846 terminára no anno seguinte, mas na politica ficaram fermentos, cuja acção, lenta mas efficaz, reprotraiu até 1851, dando-se n'este periodo grandes acontecimentos no mundo, taes como a queda de Luiz Filippe, a proclamação da republica de Luiz Napoleão e Cavaignac, a eloquencia pratica de Lamartine dominando as turbas com a fascinação da sua palavra, e as proezas de Kossout, na Hungria que inspiraram os melhores versos de Sant'Anna e Vasconcellos e de Silveira da Motta.

Cliché tenente Oliveira **Infantaria 5 — Refeitorio de sargentos**

E os meus descuidosos treze para quatorze annos, sem pensarem no que ia pela Europa, nem sequer no que occorrir em casa, lá se iam deleitando com as aventuras do piedoso Eneas e do pae Anchises, com a descripção das batalhas, em que Tito Livio põe os generaes romanos a fazer discursos tão eloquentes como difficeis de traduzir, e com as facecias e conceitos com que Phedro, é imitação de Esopo, põe a falar varios animaes... que ficaram falando cá por este mundo.

Como regressasse a Lisboa e se tratasse de me arranjar mestre para continuar a aprender... latim, quiz não sei que sorte que se me deparasse Antonio Castilho Pereira, aquelle celebre humanista e arabista, que sustentou polemica com Alexandre Herculano, e em cuja intima convivencia, a breve trecho, entrei

No calor d'essa memoranda refrega litteraria, que deu de si os celebres folhetos *Eu e o clero*, e *Sotemnia Verba*, Antonio Caetano foi talvez o unico ou um dos unicos, que pretendera imprimir ao debate um tom scientifico, não intervindo na apreciação de milagre, que estava sendo discutido em pamphetos e até em sermões, mas tentando apreciar, á luz do texto dos historiadores arabes, a importancia e alcance da batalha.

Não teria muita razão o arabista portuguez, como parecia indical-o então a auctoridade de um hespanhol competentissimo, e hoje, em publicação recente, o confirma um ilustre compatriota conhecedor dos mysterios da lingua arabica; mas posso affirmar que era sincero nas suas apreciações, embora pessoalmente faccioso, sob o ponto de vista litterario, contra o seu herculeo contendor.

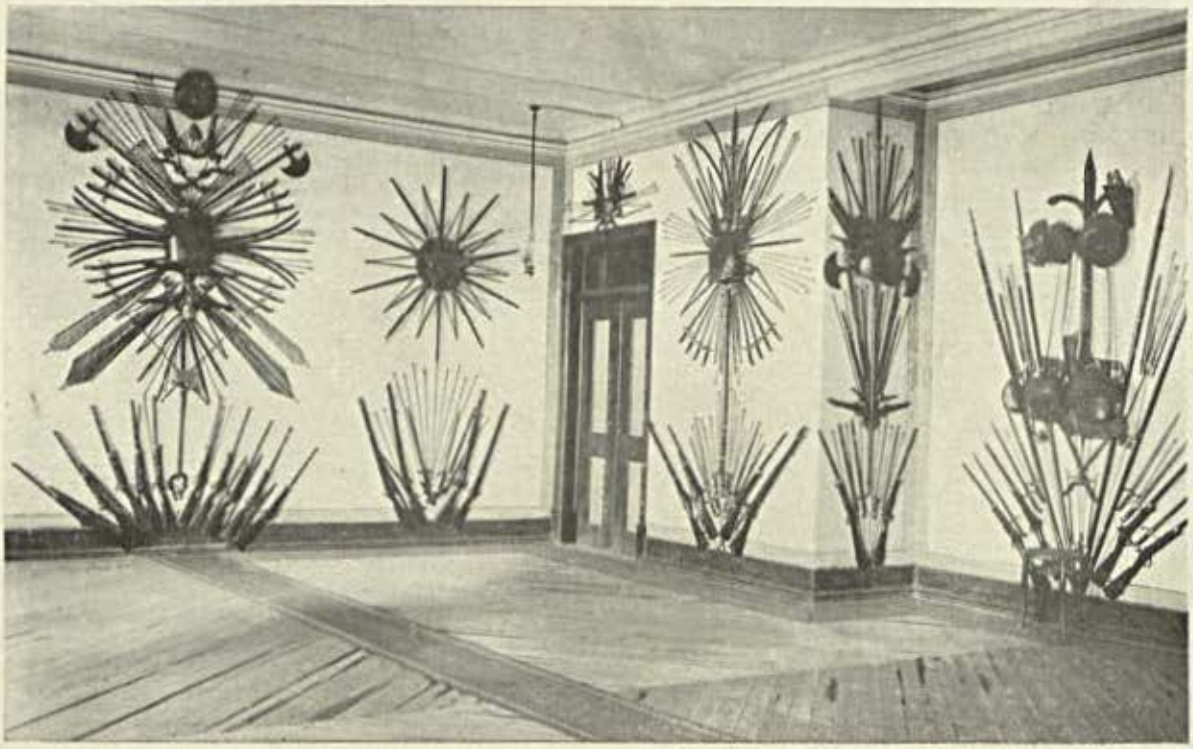
Antonio Caetano, liberal em politica, era retrogrado e quasi reaccionario em litteratura, não acreditando que houvesse auctoridade, merito ou valia fóra dos classicos, com que fôra educado e creado. Para elle, os homens novos, os homens geniaes, que appareciam a reformar e a transformar as letras patrias, não mereciam mais que o desdem dos coevos, nem teriam nunca a consagração dos posteros.

Castilho não passava para elle do auctor da *Jovem Lilia*, ainda então garganteada pelas velhas, sem que lhe levasse, em desconto d'esse peccado, a magnifica traducção das *Metamorphoses* de Ovidio, os opulentissimos versos das *Cartas de Echo e Narciso*, a suavidade dos idyllios da *Primavera*, ou o grito caloroso de desespero dos *Ciumes do Bardo*; de Garrett criticava a cabelleira e o espartilho, e mais ainda a composição da modinha, então muito em voga, *Sobre um rochedo, que o mar batia*, que se cantava com musica do *Elixir de Amor*, tendo em pequena conta a grandeza epica do *Camões*, a frescura e suavidade da *D. Branca*, o encantamento lyrico da *Adozinda*; e de Herculano então, que o surprehendera pelo subito e grandioso apparecimento, astro emergindo do horisonte sem diluculo previo, de Herculano, com quem tinha questões velhas por causa da academia e de quem começava já a ter resentimentos por causa da protecção dada a Augusto Soromenho, dizia que quem não sabia arabe e francamente o confessava, não podia metter-se a tratar de questões de interpretação dos escriptores, que davam que fazer aos mais distinctos arabistas.

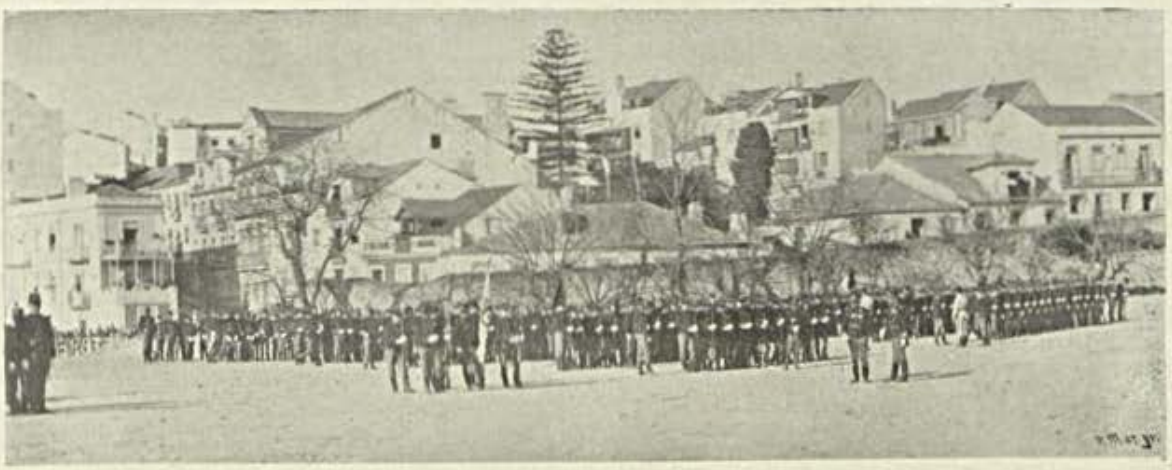
Esta confissão do genial historiador suppoz Antonio Caetano que lhe dava enorme superioridade no debate, a elle que fôra o mais assiduo discipulo dos padres Castro e Rebello, e que se julgava com direito inauferivel de lhes herdar a propriedade da cadeira de arabe, a pique de lhe ser disputada pelo protegido de Herculano, de quem o grande historiador teve depois motivo de resentimento.

Tanto bastava e sobrava para que o velho humanista não quizesse perder o ensejo de ferir no que elle julgava, — e era em grande parte, — o orgulho indomavel d'esse homem, feito de uma só peça, inflexivel levantado e austero, como uma alterosa montanha.

Mas outros tinham começado a desvairar a questão de Ourique, pel, fanatismo religioso e até pelos protestos do patriotismo cego, que não



Cliché Benoliel **Infantaria 5 — Sala de armas**



No quartel de infantaria 5 — Formatura na parada, antes do juramento

queria ser perdido aquelle baptismo de influxo sobre humano para a nacionalidade portugueza no berço, e Antonio Caetano, quando, bem ou mal, quiz tratar o assumpto como elevação scientifica, procurando um lampejo de verdade na interpretação dos velhos textos, prejudicou se a si pelo facciosismo da idéa preconcebida, e de tal modo o prejudicaram as más companhias que, envolta com ellas no desastre, o titulo de adversario de Herculano, que lhe devia ser de gloria, se converteu em desdouro para o seu nome.

De muita maneira o abalou este compiexo lance; e quando começou a dizer-se que, por intervenção do grande historiador, Augusto Seromenho iria estudar arabe em Paris, — o que depois veiu a realizar-se, mas em Madrid, — Antonio Caetano retirou da imprensa nacional os primeiros capitulos de uma grammatica arabe, que alli tinha para começar a imprimir-se, e redigiu um memorial, exposição ou requerimento, em que dizia um pouco desabridamente da sua justiça, verdadeira ou supposta, dando-me o encargo de copiar com a minha melhor letra esse documento.

Se eu conheci bem o excellente Antonio Caetano! pobre homem, que, ainda ha pouco, foi exhumado, e exautorado na sua competencia de arabista, perante uma geração que já nem de nome o conhece, arrancando-se-lhe do sudario, em que ha tantos annos dorme a paz dos mortos, os farrapos, que nem servem para accrescentar a gloria immortal do seu glorioso contendor, d'esse que deixou nome imperecivel no mundo das letras, e gosa a fama invejavel de ter sido um dos primeiros historiadores do seculo!

Antonio Caetano entrou, talvez de espirito azedo, mas com plena sinceridade, na contenda. Enganou-se duplamente, tanto com respeito a si proprio, como em referencia ao illustre adversario, com quem se ia medir. Por um lado, possuindo o arabe do seu tempo, o arabe que lhe haviam ensinado os homens tidos por mais competentes, ainda quando o esplendor do arabismo francez nos não mandára os seus raios de luz, e julgando ter nos seus manuscriptos e alfarrabios thesouros de inestimavel valor, sobre cuja authenticidade e auctoridade jurava como se fossem evangelhos, considerava-se, no ponto debatido, muito superior a Alexandre Herculano, e, por effeito dos resentimentos antigos, não desdenharia em combatel-o, fazendo-lhe sentir essa superioridade; por outro lado, e aqui foi maior o engano, como obstinado e teimoso, convicto reaccionario em materia litteraria, não acreditava que os novos, os que appareciam com ideas reformadoras, valessem coisa alguma, e destituido de espirito critico, que lhe ficára asphixiado no culto sonico das linguas mortas e das litteraturas antigas, não soube apreciar a envergadura gigantesca do adversario, que lhe appareceia como por encanto e quasi sempre desconhecido, um dia, como auctor da *Voz do propheta* e da

Cliché Benoliel

O regimento de infantaria 5 — A saida da missa

Harpa do crente, rutilante de gloria no dia seguinte, como o primeiro e mais fecundo investigador da philosophia da historia patria.

Impellido para a lucta, em que julgava encontrar facil victoria, tocado de reflexo pelos desvairamentos alheios, não tardou que viesse o desvairamento proprio, que não era só d'elle, e o docesto, a injuria a aggressão violenta, até acabar n'um lance comico, pouco em harmonia com a gravidade do assumpto.

A erudição de Antonio Caetano, como arabista, não seria tão pro-

No quartel de infantaria 5 — Rectificando o juramento da bandeira

funda e completa, como póde sêl-o a dos arabistas modernos, depois de corrido meio seculo, em que os progressos do estudo e a pertinacia das investigações terão feito largas conquistas; mas a sua sinceridade é para mim indiscutivel, visto que, por vezes, no seio da familia, onde nem se usa de mascara, nem ha doblez de espirito, o ouvi, talvez unica testemunha sobrevivente, dizer, com profundissima convicção, sobre o que suppunha um erro historico de A. Herculano.

Vieram-me aos bicos da penna estas notas tristes de quasi apagadas recordações da juventude, ao lêr, em publicação recente, um estudo erudito e bem deduzido do illustre arabista David Lopes, que, com documentos na mão, prova os erros de Antonio Caetano, e, uma vez por outra, chega a suspeitar da sua boa fé.

Sobre o primeiro ponto, nada posso dizer, porquanto, embora o velho arabista me andasse namorando para seu futuro discipulo no idioma do Alkorão, nunca o plano chegou a ter sequer principio de execução, e eu fiquei desconhecendo completamente os engaços de passas, como aos caracteres arabicos chamava o immortal auctor da *Historia de Portugal*; mas quanto ao segundo, posso jurar a sua sinceridade, capaz de se enganar, mas não de querer enganar os outros.

Hoje Herculano dorme o somno eterno no seu sumptuoso mau oleu, aureolado pelo prestigio de sua gloria, immortal como o seu nome, e de Antonio Caetano já ninguem se recorda, nem talvez das suas cinzas haja noticia; um legou thesouros de incalculavel valor á posteridade; outro legou á familia a miseria, com uns alfarrabios que ninguem lhe quer; um librou-se nas alturas serenas da eterna fama, outro rastejou relativamente obscuro e mesmo humilde; um foi um espirito genial a rasgar as trevas do passado, outro foi uma erudição incompleta, asphyxiada n'essas mesmas trevas. Eis a differença!

Paz e justiça aos mortos!

Se eu conheci bem o pobre Antonio Caetano!

Quando lhe fui apresentado, na sua casa da rua da Escola Polytechnica, quasi defronte da rua da Procissão, era elle um homem de cerca de cincoenta annos, baixo, reforçado, cabello espesso, d'essa côr de transição que se usa chamar sal e pimenta, cortado curto, erecto, sem alinho nem aparte, suissas quasi brancas e tambem aparadinhas, collarinhos á mamã, que para mais não lhe dava o pescoço curtissimo, sobrecasaca de abas curtas, chapeu de papelão, coberto de pello de seda, sempre mais ou menos arrepiado, bengala debaixo do braço, a mão esquerda sempre no nariz a empurrar a perenne pitada, a mão direita sempre a coçar qualquer ponto do corpo, a chalaça graciosa, mas ás vezes pesada, sempre á flor dos labios, uma boa disposição de animo tanto na aula, como no convivio da familia, muito latim, muito grego, algum hebraico, vario arabe, variadissima logica e rhetorica a torbilharem lhe no espirito e a convicção sincera de que valia alguma coisa no seu meio e na sua época.

Tal era o professor de rethorica do lyceu occidental de Lisboa, que estava leccionando no lyceu central, alli em S. João Nepomuceno, leccionando todas as coisas e muito mais particularmente em sua casa, estudando ainda o hebraico com o professor Francisco Manuel Saragga, andando a namorar um viajante que sabia chinez, para lhe ensinar aquella enrevezada lingua, e nas horas vagas tocando rabeca, em todos os sentidos, e convivendo intimamente com José Maria Christiano, o desembaraçado e valente patuleia, terror dos voluntarios da carta e de varios caceteires emeritos.

Se eu não havia de ter conhecido bem este homem, um pouco excentrico, de que se contavam ratices varias, com quem vivi em certa intimidade, aprendendo com elle, na minha odyssea de sete annos, mais latim, que não havia de ser o ultimo, aprendendo a *logica est ars cogitandi sed philosophandi*, de Geunense e indo depois estudar com elle rhetorica no lyceu, até que a partida para Coimbra, nos separou para sempre.

A. M. da Cunha Bellem.

Guilherme Raposo de Carvalho

† em Lisboa a 17-1-1905

O «Brasil-Portugal» pranteia a morte de um amigo muito querido que foi um caracter honesto e um bom

Claustro da Sé de Vizeu — PORTUGAL

D. Branca

Do livro «Estudantinas» do moço poeta da Bahia, Alvaro Reis, respigamos ao acaso os seguintes versos que põem em relevo o valor da rate:

Branca, da alvura cysneal de um lyrio
Da alvura lyrial de um cysne regio!
Da brancura ideal, do alvor egregio
De alma visão castissima do empyreo!

Branca, da alvura immacula da neve!
Da candidez de prece sacrosanta
Que de uns labios de monja pura e santa,
Branca e serena para o céo se eleve!

Branca da alvura de um luar de prata,
Da brancura lustral da lua cheia!
Da espuma branca na deserta areia
Que a onda gemendo, languida, desata!

De nuvem branca em céo de primavera,
Sob o luar, ao sol do meio-dia!
Da brancura intangivel, fugidia,
De alma visão e esplendida chimera!

Chama-se Branca, até ao nome, alvura!
Mas um contraste este nivor desmancha..
Pois se ella tem, oh peregrina mancha!
Olhos azues e cabelleira escura!

Ah! D. Branca, és divindade ou fada?
Deus, da natura, symbolo creou-te:
O céo nos olhos, no cabello a noite
E em tudo mais, esplendida alvorada!

Alvaro Reis.

Infantaria n.º 5—Grupo de officiaes

Da esquerda para a direita (sentados) 1.º plano: — *Capitão Francisco Xavier dos Santos Pereira, Capitão José Augusto Villa Verde, major Pedro de Sousa Moura, tenente coronel Christovam Adolpho Ribeiro da Fonseca, coronel-commandante José Ignacio de Mello Pereira de Vasconcellos, major João Valente d'Almeida, major Julio Cesar Leão Cabreira, tenente-ajudante José Bernardo Ferreira, capitão Jacintho Joaquim Fragoso.*

2.º Plano: — *Capellão Manuel Alves Catharino, alferes José Maria Fernandes, alferes Alfredo Augusto R. da Fonseca Junior, capitão João Pedroso de Lima, alferes Liberato Damião Ribeiro Pinto, capitão Antonio Thiago d'Araujo, alferes Mario Silvio Ribeiro de Menezes, capitão Francisco Manuel Valente, capitão Luiz Manuel Agostinho Dominguez, capitão Alfredo Arthur de Magalhães, alferes Jorge Augusto Rodrigues.*

3.º plano: — *Tenente Pedro Xavier d'Oliveira, alferes Jacome Maria Oom do Valle, alferes Manuel Valente, alferes André Francisco Brun, alferes João Maria Penteado Pinto, alferes Gregorio Nunes Geraldes, tenente Alfredo Antonio d'Azevedo, alferes Alfredo Ghira Junior, alferes Bruno José do Carmo, tenente Estevão Pereira da Silva, tenente Valerio Manco Ferrão, alferes Manuel Luiz de Brito Vasques, tenente Virgilio do Carvalhal Esmeraldo.*

S. M. a Rainha D. Amelia e S. A. Real a Duqueza de Connaught

Duarte de Sá

O illustre director do Conservatorio Real de Lisboa, onde durante annos professou com grande esmero o curso de declamação e arte de representar, bem como principios de lingua italiana, de ha muito que não pertence ao mundo dos vivos. Vae quasi apagada a sua memoria nos contemporaneos sobreviventes que o conheceram; e as camadas seguintes nunca mantiveram convivio com o seu lucido espirito em obras, a que tivesse vinculado o nome, porque nenhuma nos quiz deixar.

Na sua inconfundivel individualidade, quer nas relações com os homens de lettras, quer com os bohemios da vida airada, com os quaes foi dissipando, além de pequeno cabedal, a sua aventurosa mocidade que muito se prolongou, é um dos typos mais caracteristicos do periodo romantico, para nós bem assignalado nas diversas phases da vida nacional.

Nem a si proprio, aos sessenta annos, queria confessar que já não possuia as energias de rapaz. Agil, vivo, com um desempeno bem fóra do commum em tal edade, levar-nos-ia a crer na repetição em nossos dias de algum processo mephistophelico, determinando-lhe o regresso aos aureos tempos da vida, se por ventura a Satanaz fosse possivel entender se com um endiabrado assim.

Era repentista, tinha pilhas de graça nos seus ditos fulminantes; sabia dar a uma palavra, a uma ideia, a uma questão, o seu justo valor, n'um breve discurso que não esquecia. Inimigo da popularidade, como de tudo o que de longe, ou de perto, fizesse lembrar ostentação, aborrecia-lhe extraordinariamente o dar nas vistas e o ter de pautar actos por exigencias que não respeitasse.

Presava em muito a dignidade propria para a deixar correr menoscabada pelos ataques da maledicencia alheia; grande foi, pois, a surpreza de varias pessoas de intimidade, ouvindo-lhe uma recusa formal e em circumstancias, que muito graves se lhes afiguravam. Deu-se o caso de se ter espalhado, que á saida do theatro de S Carlos, um individuo, com quem elle não estava em boas relações, lhe dera umas chicotadas — era falso, os amigos bem o sabiam, mas iam exigir-lhe em nome dos seus brios, que fizesse uma declaração publica nos jornaes. A resposta foi breve e eloquente: "se tivessem dito, que as havia apanhado n'uma escusa azinhaga, já o tinha feito; mas n'aquelle deserto... á saida de S. Carlos, em noite de concorrencia, se fosse verdade muita gente devia ter visto.„ E não escreveu coisa alguma. Tambem era muito contra o seu feitio o andar arejando o nome pelos jornaes, como o negociante á procura de concorrencia, e a cultura do genero epistolar para o publico, com que se não importava, não lhe merecia sympathia alguma.

Decorreu-lhe a mocidade muito irrequieta, dizia-o elle, o que para constar desnecessario se tornava, porque andavam de bôca em bôca n'uma tradição persistente anecdotas sem fim. Por ultimo fez da rua dos Caetanos uma thebaida, mas quanto mais se queria affastar do mundo, mais o mundo ia ter com elle.

Tinha a quem sair: ou o pae, ou o tio, não me recordo bem, casou com uma senhora que possuia alguns bens de fortuna, casamento, sob este ponto de vista, desegual. O sogro, que nunca tinha levado a bem aquella inclinação, cortou as relações com os noivos, tendo encontrado na rua o Sá, ia para fingir que o não vira, quando este atravessando e tomando-lhe o passo, lhe dispara de chofre á queima-roupa, a seguinte exclamação: "que o sr. se puzesse mal com a sua filha por ter feito um casamento mau, vá! mas comigo, que fiz casamento bom, lá me parece asneira!„

Riu-se o homem e com o desenrugar do carrancudo semblante fizeram-se as pazes. Por theatros, cafés e casas particulares, a gargalhada foi o logico commentario d'esta passagem n'uma época, em que os poucos e soporiferos jornaes não podiam em materia de informações disputar com os centros de reunião competencias, ou primazias.

Ahi pelo anno de 1872 falei com alguns amigos, estudantes como eu, n'uma aula de declamação e arte de representar, que havia no Conservatorio. Eramos bastante novos e pouco, ou nada, sabiamos ainda de Duarte de Sá, sobretudo Abel Botelho, o festejado escriptor, cujas primicias litterarias, applaudidas nas escolas e nos saráus da Philomatica — a nossa associação academica — já n'esse tempo eram uma risonha promessa das suas brilhantes e futuras aptidões. Entendemos que devia ser de um ridiculo assombroso tal ensino, estavamos a imaginar uma especie de mestre de dansa, collocando os discipulos em irrisorias attitudes e obrigando-os a uma recitação, que tocasse as raias do delirio. De um livro sabiamos nós, que prescrevia ao orador tudo, menos o que devia dizer para mostrar algum talento e persuadir: até o collocava a tres quartos de perfil! Julgámos, portanto, um mestre de declamação, acepipe muito mais grato ao nosso paladar trocista que o tal livro, apesar de bem desopilante.

Tomámos, é claro, a resolução inabalavel de assistir ás lições, dando nos de antemão por bem compensados do sacrificio, julgando até que a expectativa ainda ia ser excedida. Não tinhamos por costume demorar a execução de qualquer plano e, se por esse lado nenhum de nós veiu dar n'um Moltke, não foi por falta de expediente, ou, para melhor dizer, de expedientes. No reflectir é que não levavamos geito de nos parecer com qualquer pessoa assisada e menos ainda com o general illustre.

Ora, disfructar um professor é uma coisa e o ser malcreado outra, e de uma má creação seria evidentemente prova o de entrarmos em chusma, sem mesmo dizer: "agua-vae,„ n'uma aula publica, que, apesar de aberta a toda a gente, não pode ter um augmento consideravel de concorrencia sem motivo plausivel que o explique. Esse motivo tornava-se manifesto logo á nossa entrada — o disfructo — e o grosseiro significado de uma troça, magoando professor e até alumnos, por serem estes de camadas differentes da nossa, não estava no proposito, o qual apenas permittia o uso discreto das faculdades de apreciação.

Duarte Cardoso de Sá

Pedimos uma conferencia, e, amavelmente concedida esta, exposemos o nosso desejo. Saimos encantados; nem por sombras vimos n'elle o homem que tinhamos imaginado. A aula era publica, disse-nos, podiamos lá ir quando quizessemos, agradecia-nos

Custodio Borja, *ex-governador geral da Angola* (centro)

Da esquerda para a direita: — **Capitão João D. Ferreira**, *chefe do Estado Maior*.— **Tenente da armada Carlos de Mello Guerreiro**, *ajudante de campo*. **Tenente de cavallaria José Pereira da Silva**, *idem*.— **Guilherme de Menezes**, *secretario particular do governador*

o passo que tinhamos dado, mas ha muito tempo desejava discipulos com a preparação, que fez o obsequio de vêr em nós, e por isso com todo o prazer nos receberia em sua casa como amigos, ás 7 horas da tarde até o termo das prelecções, e, se algum se aborrecesse, podia deixar a frequencia, sem que por isso fosse levado á conta de desattenção.

Capitão Carlos Pessanha

Novo governador da Guiné

Fômos e começámos o curso, feito a serio, em que estudámos empenhando brios, trabalhando mais do que para as aulas das nossas profissões, com o mesmo prazer no ultimo dia que no primeiro e subsequentes, sem faltar uma vez só, sem nenhum de nós o ter abandonado. Dividia-se a noitada em duas partes: lição a valer, sujeita a discussões, em que todos diziamos o que melhor entendiamos em cada caso sujeito; depois vinha a conversa, inolvidavel, recheada de episodios, de mil particularidades, qual a mais interessante. De caminho, durante o alegre convivio, lançava uma, ou outra nota; deixava cair observações, com essa suprema arte, que bem occultava a arte, o mais de molde possivel a ficarem gravadas na memoria; ia tocando discretamente, quasi sem darmos por isso, pontos já tratados nas lições e, que de mais larga explanação careciam, e ao passo, que nos iniciava nos segredos da arte de Talma, avultava a nossos olhos, redeada de sympathias e de respeitos, a sua bella figura como a do mais perfeito typo do professor moderno

Ao evocar com saudade o passado, já distante, accodem-me em confuso tropel recordações de um curso, que, se nunca me serviu para modo de vida, não deixou por isso de me dar proveitosa lição; do amigo por quem tão carinhosamente fui tratado; do mestre, que o soube ser como poucos, do qual direi, ao pôr ponto a esta singela narrativa, que podia ser infinda; ninguem o excedia no desempenho da missão do professorado, ninguem se insinuava tanto no animo dos seus discipulos, ninguem os obrigava a pensar mais do que elle.

A analyse do seu methodo e a influencia de Duarte de Sá no nosso meio, são assumptos tão intimamente ligados á historia do theatro dos ultimos tempos, que d'ella senão podem desprender. E' sobre esse campo, de variegados matizes, que se deve erigir monumento perduravel á sua memoria. Até lá fica em aberto a divida sagrada a um homem, cujo nome não pode ser esquecido. As emulações, que em vida o assediaram, nada podem hoje contra a fria lousa do sepulchro, e, se alguma ainda se pudesse erguer, iria desfazer-se como inconsistente projectil em espessa muralha, perante esse escudo, apresentado por uma geração nova, cheia de vida e de talento, que veiu resolutamente occupar o seu logar entre os escriptores do theatro e da imprensa jornalistica.

L. F. Marrecas Ferreira.

Carlos Rangel de Sampaio

Novo 2.º secretario da Legação de Portugal no Rio de Janeiro

Conforme haviamos promettido n'uma das anteriores revistas, devia hoje tratar-se aqui da crise ministerial hespanhola e da substituição do sr. Maura pelo general Azcarraga, assim como tinha de dar-se conta da crise ministerial franceza, aberta pela demissão do ministerio Combes e ainda não resolvida no momento em que principiamos a escrever esta chronica, se bem que esteja escolhido o politico, que ha-de succeder ao presidente do conselho demissionario. Um acontecimento, porém, que á ultima hora o telegrapho nos annuncia, sobreleva em importancia tudo quanto n'este momento se passa na politica internacional e porisso lhe damos a preferencia, como é de justiça. Este acontecimento é a revolução em S. Petersburgo, que outro nome não póde ter o que se está dando na capital da Russia, segundo as noticias expedidas d'ali e que a propria censura deixa circular, como prova iniquivoca da gravidade da situação. Os cento e cincoenta mil operarios em grève, que de principio se haviam mantido na mais estricta ordem, limitando-se a redigir uma representação que uma delegação delles devia entregar a tsar, sairam para fóra do campo legal e vieram ás mãos com a tropa, tendo-se já dada collisões sangrentas e continuando a lucta nas ruas, que estão juncadas de cadaveres. E', como se póde deprehender das noticias, que successivamente vão chegando, uma revolucção em fórma, precipitando se os acontecimentos por tal maneira, que se torna difficil prognosticar o que será o dia de amanhã. Os operarios, perante a recusa do tsar de lhes receber as reclamações, cumpriram a palavra dada. Tinham affirmado que preferiam a morte á continuação do actual estado de cousas; e elles ahi estão morrendo heroicamente pelas ruas e pelas praças da capital, em lucta com os soldados armados, mas não cedendo, antes ganhando terreno, pois ha tres dias que mantem em chèque o exercito, o qual ainda apesar da repressão feroz a que se tem entregado não foi capaz de soffocar a insurreição. Um telegramma mesmo chegado á ultima hora dá noticia que um regimento inteiro se recusou a fazer fogo sobre o povo. Se assim é e se o facto se reproduz, fraternizando com os revoltosos a tropa, póde affoutamente affirmar-se que os dias da autocracia na Russia estão contados. E' o regimen dos Plehve e dos Pobiedonostsev, que tomba affogado em sangue e no meio das maldicções da nação inteira Como o imperio de Napoleão III cae o imperio de Nicolau II vencido pelo extrangeiro e deixando após si como herança do seu triste governo a anarchia e o cahos... A tragedia russa é, porem, mais sangrenta do que a tragedia franceza, e deixará maior rasto de ruinas.

* * *

Se a lucta se mantem apenas entre os operarios e a tropa; se ella se limita á capital e nesta se circumscreve aos bairros excentricos, é indubitavel que por agora a revolução será vencida. Embora seja grande o numero dos grévistas e o prestigio dos chefes, que os commandam, entre os quaes se destaca como figura principal a do *pope* Gapony, não soffre duvida que o movimento entregue a si mesmo, e qualquer que seja a justiça que lhe assista, tem fatalmente de succumbir. Com as armas modernas, com as avenidas largas e espaçosas, susceptiveis de serem facilmente varridas pela artilheria, não ha heroismo que possa prevalecer. O tempo das revoluções classicas feitas pelos populares, armados apenas com o enthusiasmo da causa que defendiam, passou para não mais voltar. 1830 e 1848 não se repetem mais... Por isso a actual revolução ou revolta, se não tem pelo seu lado uma parte do exercito, está perdida por agora, não obstante o operariado das outras cidades querer secundar o da capital. Perdida por agora, porém, não quer dizer perdida para sempre. A Russia já se adiantou muito no caminho do protesto para que possa recuar, na altura em que se encontra. Até este momento apenas os operarios entraram em scena. Mas não é difficil de prevêr, que se o governo não consegue suffocar promptamente o movimento, outros elementos se lhes juntarão, tornando a situação mais complicada e mais grave. Ha em primeiro logar a grande massa da população liberal, sobretudo a mocidade das escolas, que embora até hoje se tenha abstido de entrar n'um caminho abertamente revoluccionario, não póde deixar de sympathisar com os grévistas, e não tardará talvez a secundal-os se a actual agitação se prolonga sem que o governo possa debelal-a. Ha mais duas outras incognitas que por ora são apenas uma interrogação inquietadora, mas que ámanhã se podem converter em perigosissima realidade, se se resolvem a intervir. Referimo-nos á Finlandia e á Polonia. Em qualquer d'estas duas nações, violentamente incorporadas aos dominios do tsar, persiste vivo o amor á independencia perdida, e bem fundo o odio á autocracia que lhes confiscou as liberdades nacionaes. D'este duplo sentimento á revolta aberta, logo que o ensejo favoravel se apresente, vae apenas um passo. Dal-o-ha na presente occasião qualquer das duas nações ou ambas conjunctamente? Se o movimento grévista persiste isolado e o tsar póde dominal-o, é duvidoso Uma tentativa revoluccionaria, desacompanhada do auxilio que lhe prestaria o levantamento geral, seria imperdoavel loucura, e a Polonia pelo menos já sabe por uma dolorosa experiencia quanto custam os horoismos, que de aatemão se não preparam com os indispensaveis meios para vencer. Mas se pelo contrario o movimento grévista se alastra, se vae recrutando novas adhesões, se consegue principalmente pôr do seu lado, decidida a um acto de força, a grande massa da burguezia liberal, affigura-se-nos inevitavel a insurreição na Polonia e na Finlandia, e porventura no Caucaso, onde não faltam elementos tambem para uma conflagração. Se esta conjuneção dos elementos revoluccionarios chega a realisar-se, está a autocracia perdida e tem de capitular.

* * *

O que póde determinar a explosão suprema, de que a actual talvez tenha sido apenas o funebre prologo, é uma nova derrota do general Kuropatkin. O espirito publico na Russia, já bastante sobresaltado pela serie ininterrompida de desastres do exercito da Mandchuria, e ainda por ultimo profundamente abalado pela queda de Porto-Arthur, com difficuldade supportará sem protesto ruidoso uma nova derrota do general em chefe. Demais o terreno está bem preparado para a explosão, que se annuncia inevitavel. Não só os elementos avançados e os intellectuaes estão amontoando os materiaes para o incendio, mas tambem as proprias classes conservadoras, com excepção apenas dos que teem os seus interesses ligados á manutenção do *statu quo*, ajudam o movimento a generalisar-se e a crear raizes na nação.

E' a este respeito de todo o ponto suggestivo o que em novembro ultimo se passou com a reunião dos presidentes dos *zemstvos*. O ministro do interior permittiu-lhes que se reunissem para tratarem collectivamente dos interesses que lhes estavam confiados, comtanto que se limitassem ás questões que pela lei estão sob a alçada das corporações locaes, com exclusão absoluta de tudo quanto se relacionasse com qualquer reclamação politica. Os representantes dos *zemstvos*, não obstante terem a sua reunião n'uma sala do governo, que lhes fôra offerecida pelo principe Mirski, incluiram no programma das discussões a urgencia de se decretar uma constituição, como o unico meio capaz de evitar a catastrophe que ameaça o paiz. Apesar de todas as instancias e pressões para que riscassem semelhante reclamação do programma das deliberações a tomar, recusaram-se elles a isso, sendo-lhes então prohibido que se reunissem publicamente, mas não tendo o governo força para impedir que a sessão continuasse com caracter particular, é verdade, mas sem nada perder da sua importancia. De facto por uma grande maioria os representantes dos *zemstvos* votaram a necessidade de se estabelecer uma constituição. E note-se, que os que assim votaram, não são propagandistas revolucionarios nem filiados nos clubs e sociedades secretas. São todos elles grandes proprietarios ruraes, membros da aristocracia, alguns até altos funccionarios do imperio, que terão decerto que perder nos seus interesses no dia em que na Russia fôr abolido o regimen autocratico, fonte dos privilegios de que gozam. E apesar d'isso votaram, porque parece que no momento actual se está dando na terra russa por uma fatidica coincidencia o mesmo que se deu em França no memoravel anno de 1789. Não parecem, com effeito, estes nobres moscovitas, reunidos n'uma sala de S. Petersburgo, a votar a necessidade de uma constituição, e a cessação de todos os odiosos privilegios que no imperio ainda hoje dividem as classes, roproduzir na aurora do seculo XX a scena que ao tombar do seculo XVIII immortalisou para a historia essa outra reunião da Sala do Jogo da Pella, que em Paris jurou não se separar sem ter dado á França uma constituição tambem?

Mysteriosa coincidencia esta, que transmuda a hybrida alliança franco-russa entre a democracia franceza e a autocracia slava na conjuncção do espirito dos dois povos, que atravez dos seculos fraternizam na mesma aspiração da liberdade...

* * *

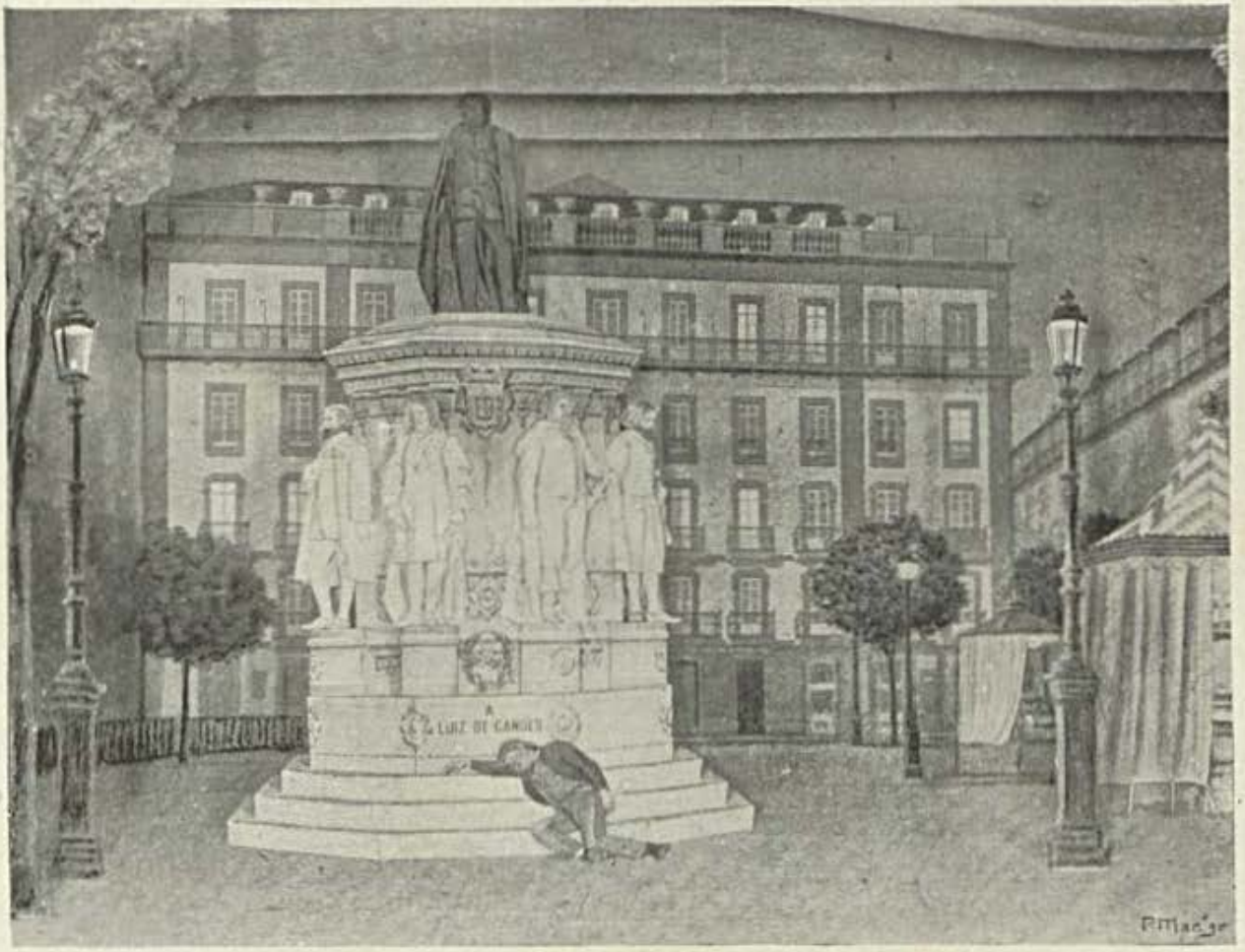
Qualquer que seja o resultado da actual revolta na Russia, ou ella triumphe ou seja esmagada, uma consequencia d'ella nos parece inevitavel — é a repercussão que vae ter nos successos do Extremo Oriente. O plano de enviar indifinidamente para a Mandchuria tropa, até elevar o effectivo de exercito de Kuropatkin a 600.000 ou 800.000 homens, tem forçosamente de modificar-se, depois dos ultimos acontecimentos. Nem a Russia póde continuar a desguarnecer as suas provincias da Europa, com o risco de não ter forças para conter a revolução triumphante, nem lhe será facil, mesmo que possa conjurar esse perigo, enviar muitos mais regimentos para o theatro da guerra. Ora a impossibilidade de reforçar convenientemente o exercito de Kuropatkin significa a renuncia forçada por parte da Russia a tomar a desforra contra os japonezes dos desastres até agora suffridos.

E o que vae importar para a politica interna russa esta confissão implicita da victoria final do Japão, não tardará a ver-se...

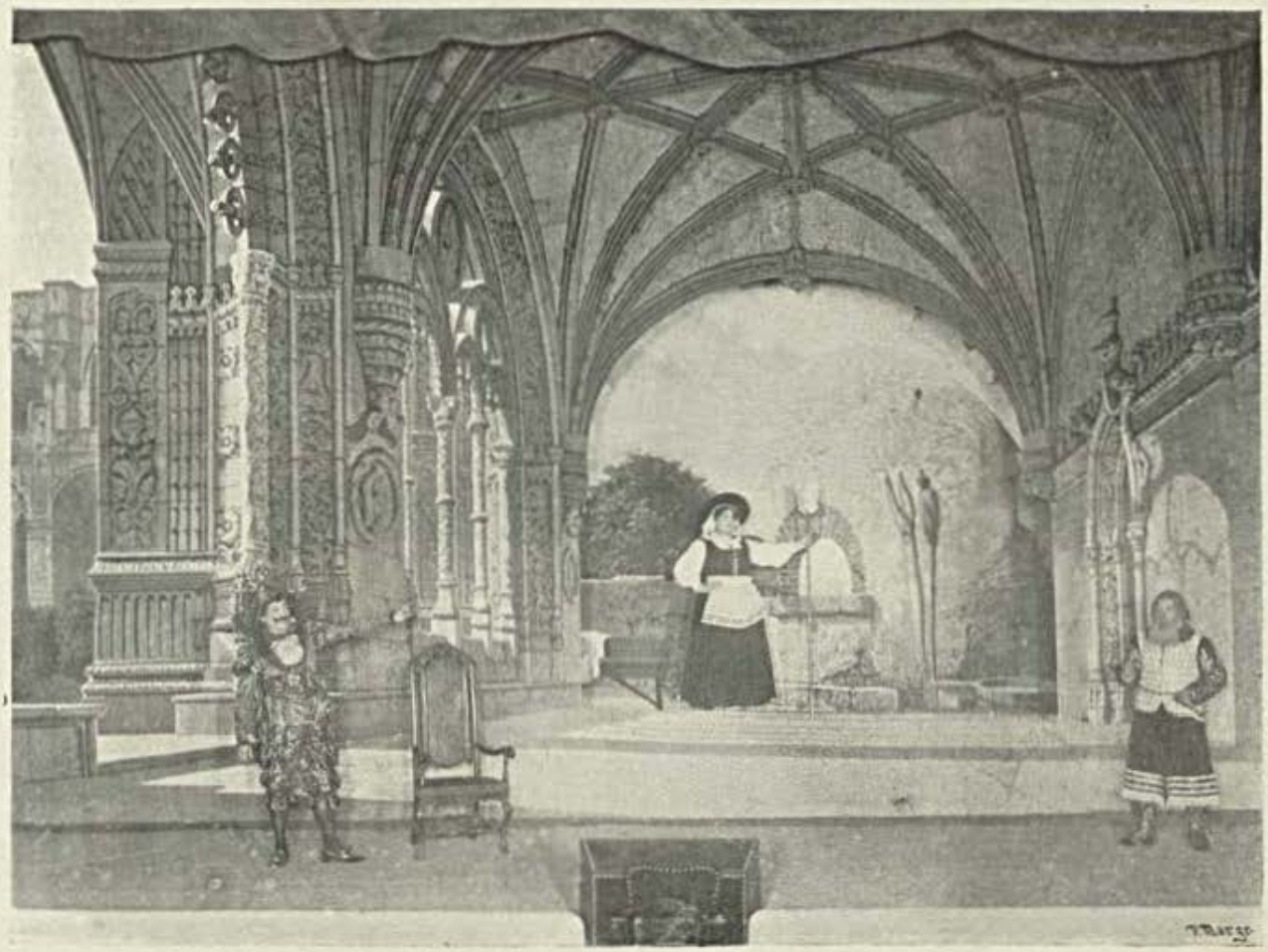
Consiglieri Pedroso

Raios X

Revista de «Esculapio» e «Caracoles», em scena na Trindade



1.º quadro do 1.º acto — Piteirinhas *(Gomes)*



Phot. Fernandes. **1.º Acto** — Anno de 1904 *(Correia)* — Padeira de Aljubarota *(Thereza Mattos)* — Portugal *(Mattos)*

Phot. Fernandes

RAIOS X — Theatro da Trindade — 3.º quadro do 1.º acto da revista de Eduardo Fernandes (Esculapio) e Cruz Moreira (Caracoles)

CERTAMEN NACIONAL — **Vinho do Porto** *(C. Vianna)* — **Madeira** *(Bella)* — **Termo** *(A. Vasconcellos)* — **Porto** *(Conde)*
Lisboa *(Georgina)* — **Moda** *(Thereza Mattos)* — **Agricultura** *(Dolores Rentini)* — **Cabo Verde** *(Gabriel)* — **Macau** *(Raquelinda)* — **India** *(Rosa Pereira)* — **Oceano** *(Queiroz)* — **1904** *(Correia)* — **Portugal** *(Mattos)*
Nos planos superiores — **Cidades, Provincias, Bailadeiras, etc.**

D. Amelia: *O avô — O caso Mancel — O Medo.* **D. Maria:** *Nó cego — A Avósinha.* **Gymnasio:** *Bébé e Tótó.* **Trindade. Avenida. Principe Real. Colyseu dos Recreios:** A Motogirl

Algumas novidades theatraes assignalaram a quinzena decorrida. E o **D. Amelia** competiu, na série dos theatros de Lisboa, o logar primacial.

Ha muito nos não visitava a Hespanha com as suas producções dramaticas, que fazem arripios e convulsionam bruscamente a alma. Estavamos já um pouco esquecidos dos lances mais dramaticos da *Loucura ou Santidade*, da *Terra Baixa* e do *João José*, quando os cartazes de D. Amelia annunciam de subito *O Avô*, de Perez Galdós.

E justo é dizer de passagem que um bom serviço presta essa empreza ao theatro hespanhol apresentando ao publico portuguez um dos seus dramaturgos mais laureados que, sem renegar os

Actriz Amelia Barros

(Que hoje 1 de fevereiro tem a sua festa artistica na *Trindade*)

processos da escola, fez um drama moderno, ponde de parte as velhas molas, o *vieux jeu*, e encontrando a fórma theatral de nos interessar, e, o que é mais, de nos commover. D'ahi o exito do *Avô*, que Eduardo de Noronha primorosamente transplantou para a nossa lingua.

Difficil se torna a artistas portuguezes reproduzirem os personagens que se movem no theatro hespanhol, porque dar aos nervos a vibração d'aquella raça, encher o coração de sangue rubro e dar ás imprecações e ás apostrophes uma violencia que nós não temos, é tarefa em que ha o perigo de sossobrar. E não pode fazer-se maior elogio aos artistas de D. Amelia do que frisar o exito do desempenho, em que Adelina Ruas e Augusto Rosa, elle no papel do fidalgo orgulhoso e arruinado, ella no da creança revoltada e sublime, marcaram um novo triumpho e enriqueceram a galeria dos seus papeis em duas creações formosissimas.

Uma peça curta, mas intensamente dramatica, *O caso Mancel*, um simples episodio de tribunal, que assume proporções tragicas, teve exito tambem n'aquelle theatro, não só pelo interesse e pela concisão do drama, que Luiz Galhardo nos deu em portuguez n'um formoso *arreglo*, mas tambem pelo notavel desempenho de Brazão, que poz em relevo as suas grandes qualidades de artista. O trabalho de Pinheiro e de Alvaro Cabral n'essa pequena peça é digno de registo, pela consciencia com que foi feito, e pelo valor que denotou.

A comedia *O medo*, de Duquesnel, traduzida por Portugal da Silva, é muito interessante e delicada, contribuindo para o agrado com que foi acolhida o excellente desempenho de Henrique Alves, de Laura Cruz, de Augusto Antunes e outros ainda.

Duas peças novas nos deu **D. Maria** na noite de 27: O *Nó cego*, em 3 actos, e *A Avosinha*, em 1 acto.

A primeira é original do sr. Lopes de Mendonça e marca uma nova *étape* na marcha ascensional do dramaturgo.

E' um pequeno drama de familia, honesto, sentido, escripto com consciencia e valor. E' um grito a favor do divorcio, uma these largamente desenvolvida que mostra a necessidade de, em certo numero de casos, o conjuge procurar em um segundo casamento a felicidade que o primeiro lhe não deu.

Está logicamente deduzida a argumentação da peça, que, não obstante a singellesa da acção, agradou muito ao publico escolhido da primeira noite, o qual não regateou louvores ao auctor que n'este novo trabalho substituiu por processos novos os seus velhos processos de fazer theatro.

Ao *Nó cego* deram poderoso relevo ao desempenho Fernando Maia, Ferreira da Silva, Joaquim Costa, Luz Velloso e Augusta Cordeiro, que fizeram os seus papeis com a suprema consciencia artistica com que os traçou o sr. Lopes de Mendonça.

A Avosinha, fechou o espectaculo. E' uma comedia alegre, com a scena original da velha avó a espreitar a neta, de cima de uma mesa. E' bem dialogada, e muito interessante.

Chamado ao proscenio, o sr. Hygino de Mendonça foi festejado pelo seu bello trabalho.

Carlos Santos, Ignacio, Carolina Falco, Cecilia Machado, brilharam nos seus papeis e tiveram parte grande no exito alcançado pela graciosa comedia.

Bebé e *Totó* é a comedia engraçadissima que está dando enchentes successivas ao **Gymnasio.** Fez bem o actor Telmo em a escolher para a sua festa, porque deu ao seu publico escolhido, durante tres horas, um manancial de gargalhadas desopilantes. Desde os bons tempos de Gervasio pode affirmar-se que nunca no Gymnasio se riu tanto. E os traductores que são dois novos no theatro e os melhores artistas da companhia de Valle, todos se esmeraram em fazer do *Bébé* e *Totó* um espectaculo *hors ligne*, em que o publico de Lisboa vae todas as noites desforrar-se das sensaborias do dia.

Outras novidades nos não dão os outros theatros. A **Trindade** continúa a série ininterrompida e triumphante dos *Raios X*, a revista de Caracoles e Esculapio, posta com luxo desusado, e hoje em algumas scenas reproduzida pela photogravura nas paginas do *Brasil Portugal*.

No **Avenida** a *Gata Borralheira*, que é para Palmyra Bastos um novo triumpho, luxuosamente posta em scena, e representada a primor, invoca os tempos alegres da nossa mocidade, no **Principe Real** *O Anno em tres dias*, pelo caminho que leva, chega ao fim do anno, e no **Colyseu dos Recreios** emfim, em que todos os dias se assignala a superior direcção de Antonio Santos, depois do *frisson* experimentado pelo publico ante o formidavel salto da *torpille humaine*, logo a seguir a *Motogirl*, a boneca humana, um dos numeros mais sensacionaes que teem sido admirados n'aquella vastissima sala.

Phot. Fernandes.

RAIOS X — Theatro da Trindade — 1.º acto da revista de Eduardo Fernandes (Esculapio) e Cruz Moreira (Caracoles)

Nymphas e Musas — Apollo *(Georgina)* — J. Côrte Real *(Conde)* — F. Lopes *(C. Vianna)* — Camões *(Costa)*